



Bombardeio no subúrbio de Kiev teria sido em represália ao naufrágio do navio cruzador russo "Moskva", no Mar Negro. Pentágono informa que dois projéteis ucranianos atingiram a embarcação. Zelensky teme uso de armamentos nucleares

Rússia ataca fábrica de mísseis

No dia seguinte ao naufrágio do emblemático navio cruzador russo no Mar Negro, a Rússia prometeu intensificar os bombardeios contra Kiev, capital da Ucrânia. O primeiro deles foi contra uma fábrica de mísseis Neptune, com os quais os ucranianos dizem ter afundado o "Moskva". Um funcionário do Departamento de Defesa dos Estados Unidos afirmou que o navio de guerra russo de 186m de comprimento naufragou após ser atingido por dois mísseis ucranianos, o que qualificou como "grande golpe" para a Rússia. Até agora, Moscou havia dito que o navio foi danificado por um incêndio na quarta-feira, depois que sua própria munição explodiu.

Algumas afirmações foram desmentidas por uma oficial militar ucraniana. "Vimos como os navios tentavam ajudar, mas até as forças da natureza estavam do lado da Ucrânia", pois "uma tempestade impediu o resgate do navio e a retirada da tripulação", disse Natalia Gumeniuk, porta-voz do comando militar do sul da Ucrânia. "Estamos perfeitamente cientes de que eles não nos perdoarão", acrescentou, referindo-se à Rússia e a possíveis novos ataques.

Na noite de quinta-feira, uma fábrica de mísseis nos arredores de Kiev foi atingida por um bombardeio russo. A empresa Vizar produzia mísseis Neptune com os quais os ucranianos dizem ter atingido o navio russo, indicou em seu site o UkrOboronProm, o

órgão estatal que controla as indústrias de armas ucranianas. A fábrica e o prédio administrativo adjacente, localizado a cerca de 30km a sudoeste de Kiev, sofreram danos significativos, segundo a agência France-Presse. Os russos realizaram três ataques, ontem, às imediações de Kiev, disse seu governador, Alexander Pavliouk, sem especificar se incluiriam a empresa Vizar.

Preocupação

A perda do "Moskva" pela Rússia levou o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, a considerar que "o mundo inteiro" deve estar "preocupado" com o risco de o seu homólogo russo, Vladimir Putin, pressionado pelos seus reveses militares na Ucrânia, utilizar uma arma nuclear. Zelensky repetiu as declarações feitas no dia anterior por William Burns, diretor da Agência Central de Inteligência (CIA). "(...) Nenhum de nós pode levar a sério a ameaça nuclear do uso potencial de armas nucleares táticas ou armas nucleares de baixo rendimento", disse ele em um discurso em Atlanta.

"O número e a magnitude dos ataques com mísseis em locais de Kiev aumentarão em resposta a todos os ataques e sabotagens do tipo terrorista realizados em território russo pelo regime nacionalista de Kiev", anunciou o Ministério da Defesa russo. A Rússia também alegou que a Ucrânia bombardeou cidades russas do outro lado da fronteira, acusações que Kiev nega.

Fotos: Filippo Monteforte/AFP



"O mundo está em guerra", lamenta o papa

Foi uma celebração em memória do sofrimento de Jesus Cristo, mas também dedicada ao flagelo do povo ucraniano. Durante a Via Crucis noturna, diante das ruínas do Coliseu (acima), em Roma, o papa Francisco pediu a Deus que "onde houver ódio floresça a concórdia". Na 13ª estação da também chamada Via Sacra, o descendo do corpo de Cristo, a enfermeira ucraniana Irina (E) e a estudante de enfermagem russa Albina (D) seguraram a cruz. Neste momento, o pontífice não seguiu a tradição e, em vez de ler um texto sobre o momento, ficou em silêncio. Mais cedo, em entrevista à emissora pública italiana Rai-1, Francisco lamentou: "O mundo está em guerra". "Neste momento, na Europa, esta guerra nos atinge com força. Mas vamos olhar um pouco mais longe. O mundo está em guerra. Síria, Iêmen, e depois pense nos rohingya (muçulmanos de Mianmar), nos expulsos, nos sem pátria. Em todo lugar há guerra", assegurou o papa. "O mundo escolheu — é difícil dizer — o padrão de Caim, e a guerra é implementar o Cainismo, ou seja, matar o irmão", explicou.

ELEIÇÕES NA FRANÇA

Macron e Le Pen discordam sobre véu islâmico

O presidente e candidato à reeleição Emmanuel Macron tenta garantir o voto dos muçulmanos na França atacando a rival, Marine Le Pen, por sua proposta de proibir o véu islâmico em público. Embora as pesquisas deem a Macron pequena vantagem para o segundo turno, que será realizado em 24 de abril, a

candidata da extrema-direita pode surpreender.

Analistas apontam que uma das razões do sucesso de Le Pen é sua imagem mais moderada em relação às eleições anteriores e uma maior proximidade para lidar com problemas como o aumento dos preços e a inflação. Mas a candidata de

extrema-direita não abandonou o pensamento conservador. Ela voltou a afirmar que, se chegar ao poder, as mulheres que utilizarem o véu islâmico em público serão multadas.

Macron disse que a proibição do véu significaria que, por mandato constitucional, também seriam banidos outros sinais, como

o quipá judaico e a cruz cristã. Em Estrasburgo (leste), Macron perguntou a uma mulher que usava o véu se ela o fazia por opção ou por obrigação. "É por escolha. Totalmente por escolha!", disse a mulher. Macron respondeu, em clara referência ao movimento de Le Pen: "É a melhor resposta a todas as bobagens que ouço".



Marine Le Pen visita mercado de Pertuis, no sul da França

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Adeus à Europa do século 20

Um dado particularmente chocante da eleição presidencial francesa, no domingo passado, retrata a profundidade com que a ordem política construída na Europa do pós-Segunda Guerra se transformou. Uma das faces é a de Marine Le Pen, que confirma o lugar da ultradireita dita populista, ou nacionalista, no sistema partidário que se redesenha. Outra é a implosão eleitoral de socialistas e republicanos, que por décadas protagonizaram a versão mais clássica do duelo entre direita e esquerda.

O presidente Emmanuel Macron, ele próprio personagem de um novo perfil político, de corte centrista, larga na frente para o segundo turno, no dia 24. Mas, com seus 23% dos votos, Le Pen colocou o Reagrupamento Nacional, legenda repaginada para

reeditar a disputa de 2017, na condição de contrapeso ao que se prenuncia como o segundo governo de Macron.

Encolheu

O fenômeno tem paralelos em outros países europeus, mas na França se apresenta com especial nitidez. O Partido Socialista, que governou por 14 anos com François Mitterrand (1981-1995) e mais cinco com François Hollande (2012-2017), saiu das urnas com menos de 2% dos votos. O Republicano, herdeiro do gaullismo e das presidências de Jacques Chirac (1995-2007) e Nicolas Sarkozy (2007-2012), não chegou a 5%.

No campo da esquerda, o PS é a segunda legenda histórica que praticamente saiu de cena, depois do

Partido Comunista. O vácuo foi ocupado por uma nova força, a França Insubmissa, de Jean-Luc Mélenchon, que marcou 22% e teria chegado ao segundo turno com os 1,74% da socialista Anne Hidalgo.

Dança das cores

Na Alemanha, a reengenharia partidária incorpora os descobrimentos das três décadas passadas desde a reunificação, em 1990. Até então, o sistema parlamentar da metade ocidental se apoiava num tripé. Democracia-cristã, pela direita, e social-democracia, pela esquerda moderada, eram os volksparteien — partidos de massa, capazes de formar maiorias. Como fiel da balança, ao centro, os liberais. Respectivamente, são identificados pelas cores da bandeira: preto, vermelho e amarelo.

Desde os anos 1980, os ecopacifistas acrescentaram o verde ao mosaico. Na década seguinte, entrou no espectro um vermelho mais carregado, com os pós-comunistas da metade oriental. Os dois volksparteien seguiam

controlando, somados, mais de dois terços do eleitorado. As duas últimas eleições, porém, marcaram a entrada da Alternativa para a Alemanha (AfD), de ultradireita, parente consanguínea da variante francesa de Marine Le Pen.

Com seis tonalidades, quase um arco-íris, vermelhos e pretos mal conseguem somar maioria, e se multiplicam as opções de arranjos para coalizões de governo. O atual, encabeçado pelo social-democrata Olaf Scholz, forma com Verdes e liberais a inédita fórmula batizada de "semáforo".

Tutti quanti

É a Itália que oferece a versão talvez mais eloquente e ruidosa da desmontagem do sistema político-partidário do pós-guerra. Nas quatro décadas até o fim da Guerra Fria, o cenário foi dominado por democratas-cristãos, à direita, e comunistas, à esquerda. Entre os dois, uma nuvem de partidos menores que dividiam entre si um terço do eleitorado. A DC conseguiu se manter no comando quase por

todo o tempo, mas chefiando sucessivos governos frágeis e efêmeros que renderam ao país a fama de "Bolívia europeia".

O lendário Partido Comunista Italiano, que chegou a ser o maior da "família" fora do bloco socialista, não sobreviveu à queda do Muro de Berlim e ao fim da União Soviética. Seu sucedâneo, o Partido Democrático, é hoje o núcleo de uma centro-esquerda difusa. A Democracia Cristã sucumbiu à ofensiva anticorrupção da Operação Mãos Limpas, e seu espaço é ocupado hoje pela legenda formada pelo empresário Silvio Berlusconi.

Para complicar o quadro, cerca de metade do eleitorado se divide entre outros dois partidos que se perfilam no parlamento como fatores para viabilizar (ou torpedear) uma maioria. Com cara mais definida, uma ultradireita afinada com os similares da França e Alemanha. Mas a Itália tem o ingrediente singular do movimento "antipolítica" Cinco Estrelas. Seu fundador, o comediante Beppe Grillo, roubou a cena declarando guerra a "todos os outros". Em 2018, o 5S saiu das

urnas como a legenda mais votada para o parlamento.

Contramão

Entre os países sempre observados de fora como parâmetros de organização política, é o Reino Unido que parece exibir mais resiliência de seu sistema bipartidário de alternância no poder. Como desde antes da Segunda Guerra, a gangorra segue oscilando entre conservadores e trabalhistas.

O Parlamento britânico não ficou imune ao avanço de uma variante própria de ultradireita populista, que ali apresentou como lema a rejeição à União Europeia. A campanha resultou em plebiscito sobre o tema e os eurocéticos chegaram a despontar como alternativa para o "baixo de dois".

O Brexit passou, mas a bandeira foi "roubada" pelo atual premiê, o conservador Boris Johnson. Há quem diga que ele mudou o perfil do partido centenário, mas conduziu o "divórcio" com a UE e, ao menos por ora, a velha ordem bipolar foi restabelecida.